

Tabla.

Sinan
Antoon

Ave
Maria

TRADUÇÃO
Jemima Alves

Viver no passado

9

Fotografias

37

Viver no passado

71

Mater Dolorosa

107

Sacrifício divino

145

Vêio para o que era seu e os seus não o receberam.

João 1:11

Viver no passado

“Você vive no passado, tio!”

Foi o que Maha me disse com raiva ao deixar a sala, depois de termos uma discussão acalorada. Luay, o marido, estava perplexo, o rosto corado, enquanto eu gritava: “Aonde você vai, Maha? Volta aqui! Maha!”

Mas ela já subia as escadas, apressada. Com os olhos tristes e a voz cheia de vergonha, Luay disse: “Perdoa, meu tio. Você sabe que ela te ama e te respeita. Não é por mal. São os nervos, ela anda muito cansada”.

Enquanto eu pensava no que dizer, os soluços entrecortados de Maha desabaram do andar de cima sobre nossos ouvidos.

“Não faz mal”, murmurei. “Não foi nada. Vá acalmar os nervos de sua esposa e confortá-la.”

O marido de Maha se levantou do sofá cinza e se aproximou da poltrona em que eu estava sentado, de frente para a televisão. Curvou-se para beijar minha cabeça e pousou a mão em meu ombro antes de subir calmamente a escada.

“Desculpa, fico te devendo essa”, ele me disse.

Fiquei sozinho diante da televisão. Não conseguia entender as vozes do apresentador e dos convidados do programa, que se digladiavam em um debate turbulento, que para mim eram meros zumbidos. Da mesma forma, os rostos foram ficando embaçados a ponto de desaparecer. Uma única frase ecoava com vagar dentro da minha cabeça: “Você vive no passado”.

Não dormi bem. Fiquei me revirando no escuro enquanto repassava a injusta opinião a meu respeito emitida por Maha. Perguntei a mim mesmo, em silêncio: “Eu realmente vivo no passado?”. E respondi com outra pergunta: “Como alguém da minha idade não viveria no passado?”. Tenho mais de setenta anos, a maior parte de minha vida passou e dela já não resta muito. Maha ainda está em seus vinte anos e tem diante de si o futuro, mesmo que o presente pareça obscuro. Ela tem um bom coração e as melhores intenções, mas não é mais uma criança. Vai chegar o dia em que seu passado será maior, e ela também começará a visitá-lo e permanecerá lá por horas, mesmo que seja miserável. Vai escolher a parte mais prazerosa dele e curar suas feridas. Por acaso o passado morreu para que eu não viva nele? O passado não estaria sempre vivo e, de alguma maneira, convivendo e guerreando com o presente? Será que está aprisionado nas fotografias emolduradas, penduradas na infinita parede da memória, assim como nas paredes da casa, e preservadas nos álbuns? Não era ela que me mantinha diante dessas fotografias enquanto me perguntava, mais de uma vez, quem eram os membros da família ali emoldurados, para onde a vida os havia levado, e como e quando a morte os arrebatara? Não era ela que me pedia para contar as histórias guardadas nas imagens? Eu sempre respondia animado, colorindo os detalhes e seguindo o fio que às vezes levava de uma fotografia à outra — ou mesmo àquelas que não tinham sido capturadas pelas lentes da câmera. Histórias cheias de suspiros e sorrisos, suspensas na minha memória ou guardadas no arquivo do coração.

Será que eu estava fugindo do presente e me refugiando no passado, como ela me acusa de fazer? Mesmo que ela tenha razão, que vergonha há nisso, se o presente é um

campo minado, cheio de explosões, morte e horror? Talvez o passado seja como o jardim de nossa casa, que tanto amo e que adotei como se fosse um filho. Me abriguei nele, lá me refugio do ruído do mundo e de seu horror. É meu Éden no centro do inferno, ou minha “região autônoma”, como o chamo de vez em quando. Vou defendê-los, o jardim e a casa, pois são tudo que me resta.

Tenho que perdoá-la, seu tempo não é o meu, sua juventude não é a minha. Ela abriu os olhos verdes diante de guerras e sanções, experimentou muito cedo o sabor da escassez, da morte e do desamparo. Eu vivi tempos de bonança, dos quais recordo e que continuo acreditando terem sido reais.

Como de hábito, me levantei às seis e meia sem despertador. Minha bexiga se tornara o melhor alarme, obrigando-me a acordar e ir ao banheiro várias vezes durante a noite. No banheiro, que fica ao lado do meu quarto, parei diante do espelho, lavei o rosto e fiz a barba. Não cantarolei uma das minhas canções favoritas, como costumava fazer. Tentava me lembrar dos detalhes do sonho que tivera. Peguei a dentadura no copo cheio de água, abri a boca e a encaixei. Faz anos que perdi meus dentes; por muito tempo, a dentadura me incomodou, até que me habituei a ela. Estava confor-
mado também com os cabelos brancos. Tudo menos a calvície. Nesse sonho, eu perdia os cabelos. E esse é um detalhe extremamente importante, que fazia do sonho quase um pesadelo. A casa era a mesma, igualzinha, só que tinha se transformado em museu. Cada um dos cômodos era uma ala diferente. As camas e as cadeiras estavam cercadas com cordas e havia placas proibindo os visitantes de se aproximarem

dos móveis ou de tocá-los. Eu trabalhava como guia, explicava a história de cada cômodo, quem vivera nele e para onde havia imigrado. Ouvia burburinhos e risadas, mas não via ninguém. Passei de uma ala à outra, procurando pelos visitantes, mas estavam todas vazias. Então, ouvi uma voz e vi um homem caminhando pelo corredor com um grupo; ele fornecia informações equivocadas sobre a casa. Eu me aproximei e gritei: “Esta casa é minha e eu sou o guia!”. Mas ninguém me ouvia nem se dava conta da minha presença. Olhei-me no espelho e vi que estava ficando calvo.

Penteei os cabelos e agradei a Deus por tê-los preservado. Arregalei os olhos e me encarei, aproximando meu rosto do espelho. Ergui as sobrancelhas grisalhas ainda espessas e o espaço entre as rugas, que marcavam a passagem do tempo em minha testa, diminuiu. Me afastei do espelho, secando o rosto e a testa.

Saí do banheiro e fui até a cozinha para preparar o chá. No caminho, parei diante do calendário pendurado na parede do corredor, como fazia todas as manhãs. Era um hábito antigo, do qual nunca me livrara, mesmo depois de me aposentar e de meus dias não terem mais compromissos e muito menos preocupações e obrigações. Eu me acostumara a riscar o dia que passou com um lápis que ficava pendurado em um cordão no mesmo prego de onde pendia o calendário na parede. Esse ato anunciava o início de um novo dia.

Olhei para a imagem do mês no calendário: um banco vazio, no qual eu já havia me sentado; embaixo dele, no chão pedregoso, folhas amareladas, arrancadas das árvores pelo outono. Abaixo da imagem, restava marcar apenas o quadrado referente ao domingo, o último dia do mês de outubro do ano de 2010. Eu tinha escrito nesse dia a lápis, nas bordas,

“morte de Hinna”. Minha irmã deixara este mundo sete anos antes, em uma manhã como esta. Nunca consegui esquecer essa data.

Fui à igreja no início do mês e ofertei uma quantia extra para pedir ao reverendo que celebrasse uma missa pela alma de Hinna, em memória de sua morte. A missa não será na igreja dos monges — a segunda casa dela —, onde rezou todas as manhãs por muitas décadas. Esse local fechou as portas para os últimos fiéis por motivos de segurança. Então vai ser na igreja Umm al-Taq, como é conhecida a Igreja de Nossa Senhora do Livramento, onde Maha vai com o marido todo domingo, porque ele é um católico siríaco. Hinna não se zangaria por a missa acontecer em um templo siríaco e não em “nossa igreja”, como ela costumava chamar as igrejas dos caldeus. A diferença entre elas é mínima: ambas são católicas e a liturgia é bem parecida, só alguns termos variam. O mais importante é que, no fim das contas, todas as orações chegam a Deus, não importa a língua ou a doutrina.

Os sete anos que separam o dia da morte de Hinna e esta manhã passaram rápido. Hinna teria ficado admirada com o que aconteceu nesse período, se não tivesse morrido. Esses anos superaram tudo o que veio antes, inclusive os últimos sete meses de sua vida, depois da última guerra, em 2003.

Hinna sempre se levantou cedo, antes de mim, para preparar o chá. Tomava duas *istikanas* de chá para acompanhar um modesto desjejum: um pedaço de pão com um pouco de queijo, branco ou amarelo, e, quando tinha em casa, uma colher de geleia de pêssego ou figo feita por ela, a qual amava. Para que eu não tomasse chá frio ao acordar, deixava a chaleira em fogo brando e então caminhava até a igreja. Seu passo tornara-se bem vagaroso nos últimos anos, forçando-a

a diminuir o ritmo e se render à bengala. Ela se recusava a me acordar para que eu a levasse de carro, e não ouvia meus conselhos para que fosse à igreja apenas aos domingos, em vez de ir todos os dias. Hinna era muito teimosa, principalmente no que se referia a seus ritos religiosos.

Naquela manhã, entrei na cozinha e vi que Hinna não tinha preparado o chá. O bule estava de boca para baixo no escorredor ao lado da pia, como havíamos deixado na noite anterior, após tomar o chá da noite. “Talvez esteja doente”, pensei comigo mesmo. Enchi a chaleira de água e coloquei-a na boca do lado direito do fogão depois de acendê-la com um fósforo. Pus duas colheres cheias de chá e um pouco de água no bule, tampei-o e o coloquei sobre a chaleira, esperando a água ferver para vertê-la sobre o chá.

Saí da cozinha e fui até o quarto dela, que ficava no final do corredor, antes da saída que dava para o jardim dos fundos. A porta estava fechada. Bati três vezes: “Hinna, Hinna, ô Hinna”.

Não obtive resposta. Girei a maçaneta devagar e abri a porta, tentando não fazer barulho. Encontrei-a dormindo na cama. As cortinas estavam fechadas, mas o sol da manhã penetrava no quarto pela fresta entre elas e pelos lados.

Atravessei a soleira do quarto, em que pus o pé poucas vezes. Liguei o interruptor do lado direito da parede, mas a luz não acendeu. Na noite anterior, ela comentara comigo que a lâmpada havia queimado e era preciso trocá-la. Prometi que faria isso. Fiquei bravo comigo por ter adiado essa tarefa e pela dificuldade que tive de trazer a escada da despensa. Eu sentia muita dor nos joelhos sempre que subia a escada para trocar a lâmpada. Para não realizar esse trabalho, utilizava como desculpa o fato de a energia ser

cortada a maior parte do tempo e de precisarmos economizar no uso do gerador, substituindo-o por velas à noite. Mas não fazia mais sentido postergar isso. Chamei-a de novo: “Hinna! O que você tem? Levanta, Hinna!”.

Andei até o lado direito da janela e, ao afastar as cortinas, o sol tomou conta do quarto. Levei minha mão direita à frente dos olhos para protegê-los da luz solar. Virei-me e me aproximei da cama. Ela dormia sobre o lado esquerdo e a manta a cobria até os ombros. Cheguei perto da cama, pelo lado esquerdo, e olhei-a de perto. Seus olhos estavam fechados, e as mechas do cabelo prateado repousavam desgrenhadas sobre o travesseiro. As mãos, aninhadas sob o travesseiro no lado direito do rosto, seguravam o terço de continhas vermelhas. Ele nunca saía de sua mão, marcando sempre o ritmo de suas rezas e preces. Na ponta do terço, havia uma cruz pequena de prata que repousava em sua boca. Com certeza ela a havia beijado antes de adormecer. Inclinei-me e chacoalhei com delicadeza seu ombro com a mão direita, repetindo: “Hinna”.

Ela não se mexeu. Senti certa rigidez em seu corpo. Percebi uma palidez na compleição do rosto repleto de rugas. Repeti em voz baixa: “Hinna, ô Hinna”.

Tentei pegar sua mão direita para sentir o pulso, mas parecia estar colada à palma esquerda e ao rosário. Ao tocá-la, senti a frieza de sua pele e meu coração desabou. Naquele momento soube que ela não acordaria mais. Tentei sentir seu pulso com a ponta dos dedos. Meu polegar não encontrou nenhum sinal de vida.

A vida havia reunido o que restava de seus pertences durante a noite e deixou o corpo de Hinna, que se tornou a morada solitária da morte. Deus cumpriu a vontade de

minha irmã, que por anos vinha repetindo, especialmente nas horas de dor e desgosto: “Ah, Senhor! Por que não me recolhe para que eu seja salva e descanse?”. Ela sempre pedia que os outros tivessem uma vida longa, mas queria que a dela fosse encurtada. “Já está bom. Já chega!”

Sentei-me na beirada da cama. Queria abraçá-la uma última vez, mas me contentei em colocar a mão esquerda sobre a cabeça dela e acariciar seus cabelos brancos. Só tocava ou beijava Hinna duas vezes por ano, durante as festividades. Eu ainda era criança quando acariciei pela última vez seus cabelos. Com a morte de nossa mãe, ela havia herdado o fardo de cuidar de mim e dos irmãos mais novos, apesar da tenra idade. Aos quinze anos, foi obrigada a desistir do sonho de ser freira e dedicar o resto da vida a nos alimentar e garantir algum conforto. Com o tempo que lhe restou, depois de cumprir suas obrigações, dedicou-se totalmente à fé e aos afazeres domésticos. Soltei sua mão rígida para limpar as lágrimas que rolavam pelo meu rosto. Beijeí sua testa gelada e balbuciei: “Descanse em paz, Hinna”.

Pendurada na parede sobre a cabeceira da cama de Hinna, uma imagem da Virgem Maria, cheia de graça, vestida de azul e com o fruto de seu ventre nos braços. Do meio do céu acima dela, emanava uma coluna de luz divina; a seu redor, pairavam anjos batendo as asinhas. Apesar da beatitude com que se voltava para o menino Jesus, seus olhos pareciam olhar para mim e para minha irmã com um quê de tristeza.

As lágrimas rolavam enquanto eu rezava pela alma dela, como Hinna fizera por mim a vida inteira: “Pai nosso que estais no céu...”.

E continuei: “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto

do vosso ventre, Jesus. Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte, amém”.

Deixei o lápis cair da mão. O passado voltou de novo para me lembrar de Hinna — como se eu fosse capaz de esquecê-la. Caminhei até seu quarto, que deixara da maneira como sempre foi. Com exceção de suas roupas, que foram recolhidas do pequeno guarda-roupa, depois de passado o luto, por uma de minhas sobrinhas para levá-las à igreja, onde foram distribuídas entre os pobres, tudo permaneceu no mesmo lugar.

Abri a porta e entrei no quarto. Estava escuro e frio como um túmulo. Liguei o interruptor na parede direita, e a escuridão não se dissipou. Lembrei que a energia tinha sido cortada. Mesmo que isso não tivesse acontecido, nunca havia trocado a lâmpada. Desde que a luz de Hinna se apagou no quarto, decidi nunca mais trocá-la. Nem mesmo quando as mulheres da família — inclusive as que permaneceram em Bagdá — e algumas vizinhas vieram lavar o corpo dela, pentear seus cabelos e vesti-la com roupas limpas para sua última jornada até o sepulcro. Eu disse que durante o dia bastava a luz solar e, durante a noite, elas podiam acender velas. Deve ter sido Maha quem fechou as cortinas depois de limpar o quarto, pois eu deixava as cortinas abertas. Ao limpar pela primeira vez o quarto de Hinna, Maha me disse: “A presença dela aqui ainda é muito forte”.

Fui até a janela e abri as cortinas, exatamente como fizera sete anos antes. Uma pomba cinzenta, que estava no beiral de tijolo da janela, voou para longe rumo à casa do vizinho. Os raios de sol iluminaram parte do chão e um terço da cama, que estava coberta com um lençol branco.

Dei três passos em direção à outra janela, abri as cortinas, e o quarto se encheu com a luz da manhã. Virei-me e olhei para a imagem da Virgem Maria, pendurada acima da cama. Ao lado, havia uma foto de meu irmão, Jamil, que emigrou do Iraque em 1969, depois de seu amigo ter sido enforcado, sob a acusação de ser maçom. Sua esposa libanesa receava que ele terminasse da mesma maneira, apesar de não pertencer à maçonaria. Foram para o Líbano, onde tiveram três filhos e cinco netos. Moraram em Sin al-Fil e depois se mudaram para Bikfaya, para ficarem perto da família da esposa, quando sua casa foi demolida durante a guerra civil libanesa. Nessa foto, Jamil estava na flor da idade. Era o favorito de Hinna entre os irmãos, embora ela negasse. O quarto era dedicado a ícones, estátuas e lembranças da Virgem e do Menino Jesus, que ela amava colecionar. Alguns foram adquiridos durante sua última viagem a Roma com o pessoal da igreja, em 1989, depois que as fronteiras reabriram. Às vezes, eu brigava com ela, dizendo que o que faltava para o quarto virar uma capela era o altar e o incenso.

“E quem vai fazer os sacramentos, você?”, ela me desafiava.

Na entrada do quarto, na parede à direita da porta, sob o interruptor, havia até uma reprodução do pequeno cálice que é posto no acesso à igreja, cheio de água benta, para os fiéis molharem o dedo indicador e fazerem o sinal da cruz sobre o rosto ao adentrarem o templo.

Meio metro abaixo do calicezinho, jazia a velha Singer, a máquina de costura com pedal na qual ela trabalhara por anos até que começássemos a nos sustentar. Hinna insistiu em mantê-la, apesar de não usá-la havia mais de dez anos. As beiradas da máquina funcionavam como um espaço extra para expor suas estátuas em miniatura. Perto dela havia um

guarda-roupa de madeira e, ao lado, uma penteadeira com um espelho grande. Com exceção da escova com um tufo de cabelos brancos e de alguns pentes, não havia mais nada sobre a penteadeira que tivesse relação com o corpo de Hinna. O espaço era dedicado a sua alma. Ali havia alguns livros de oração, que foram companheiros seus ao longo da vida, assim como santinhos distribuídos pela igreja. Com imagens da Virgem Maria, sozinha ou com o Messias, de Maria Madalena e de outros santos, eram do tamanho de um cartão de felicitações, ou menores. Havia também algumas fotografias de celebrações religiosas dos seus entes queridos, como o batismo ou a primeira comunhão dos sobrinhos. Para protegê-los, ela misturou as fotos deles com as dos santinhos.

No meio da penteadeira, uma caixinha de madeira, que havia sido comprada na Itália, continha vários rosários e um crucifixo de ouro “vivo”, que ela sempre usava no pescoço e afirmava conter um pedacinho da cruz de Cristo. À esquerda da penteadeira, havia uma parede repleta de fotografias do episcopado: uma do Papa João Paulo II sorrindo, vestido com a indumentária branca; logo abaixo, a do patriarca dos caldeus, Boulus Cheikhu II, o equivalente ao papa dessa ordem — aqui já dá para perceber como ela os hierarquizava. Sob essa imagem, a fotografia de Emmanuel Bidawid, que se candidatou ao patriarcado depois da morte de Cheikhu, com a legenda “Sua Eminência Emmanuel Bidawid — que Deus o tenha —, patriarca da Babilônia sobre os caldeus no mundo”.

Abaixo das imagens do papa e do patriarca, havia uma foto menor de Hinna em frente da Santa Sé, no Vaticano, vestindo um casaco pesado preto. Ela sempre lembrava essa peregrinação. Hinna adorava Roma, mas sentia saudades de Jerusalém, que visitara em 1966. Sempre que a Palestina era

mencionada na televisão ou em conversas, falava: “E quando vão devolver Jerusalém pra gente poder visitar a Igreja do Santo Sepulcro?”

Além de todas as lembranças e fotografias, Hinna voltou de Jerusalém com dois crucifixos: um tatuado no antebraço, com o ano de sua peregrinação, 1966, logo abaixo, e que desapareceu com ela quando foi enterrada; o outro, muito maior, feito de madeira de oliveira, que continua pendurado na parede que dá para a cama.

Abri as janelas para que a brisa revigorante entrasse. Resolvi deixá-la aberta apesar do frio que se infiltrava com o ar puro. Ao sair do quarto e fechar a porta, ocorreu-me que a alma de Hinna poderia sentir falta de seu quarto e vir visitá-lo hoje. Pensei em fechar a janela à tarde, antes de ir para a igreja.

Enquanto preparo o chá, recordo minha briga com Maha. Embora ela tivesse deliberadamente ultrapassado os limites do respeito por suas reações desdenhosas em relação às minhas opiniões, não queria que ela se sentisse desconfortável em casa, porque em poucos meses viajaria com o marido. Apesar de gostar da solidão e de estar acostumado a ela, a presença do casal enche de vida e de uma atmosfera agradável esta casa tão grande. Maha e o marido receavam se tornar um fardo para mim, por isso Luay nunca se recusou a ajudar. E não posso negar que adoro a comida de Maha. Não se compara aos dotes culinários de Hinna, claro, mas tudo que ela cozinha é uma delícia. Já estava cansado de comer os sanduíches e as saladas de sempre, assim como as refeições simples que eu preparava.